



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -

Associada ao programa de mestrado Profletras-UPE-Garanhuns -

aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS

ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

O RACISMO NO CONTO *O NOVO PADRE DE MIA COUTO*: UMA ABORDAGEM À LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Ivana Siqueira Teixeira (UPE)

Martha Juliana Oliveira Vasconcelos (UPE)

Resumo: Levando em consideração o impacto da linguagem na construção das práticas sociais e culturais, um estudo pautado à luz de teorias que investigam a construção discursiva torna-se indispensável. Em vista disso, o presente trabalho objetiva analisar a construção discursiva no conto *O novo novo*, do autor moçambicano Mia Couto, através da utilização das teorias propostas por, entre outros, Teun van Dijk (2008) e Norman Fairclough (2001). A problematização levantada terá um enfoque na construção de um discurso racista por meio dos personagens dentro do conto em questão. Neste ponto, vale ressaltar que o racismo, nesta perspectiva, é tido como um sistema social de extrema complexidade atrelado à ideia de dominação, cuja consequência é o incentivo à desigualdade. Tomando como base o papel discriminatório de determinados usos linguísticos (neste trabalho o uso linguístico que constrói o racismo), incluir-se-ão os conceitos de poder e abuso de poder como base no auxílio da compreensão da propagação do racismo. A análise contará com passagens específicas em que questões referentes ao racismo encontram-se visíveis; sendo assim, questionar-se-á se no referido conto o autor constrói um discurso cujo foco se detém em propagar o racismo ou em denunciá-lo, pois como citado inicialmente, o uso linguístico detém importância significativa na mudança das práticas sociais e culturais.

Palavras-chave: Racismo, discurso, desigualdade, literatura moçambicana.

1. Introdução

Tomando como base o impacto da linguagem na construção das práticas sociais e culturais, um estudo pautado à luz de teorias que investigam a construção discursiva torna-se indispensável. A escolha por determinado uso linguístico em detrimento de outro pode ser responsável pela manutenção da hegemonia discursiva. A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) deve ser considerada uma área de conhecimento apta a propagar a ideia de resistência à dominação discursiva, neste caso, também no que diz respeito ao racismo. Sendo assim, inicialmente discorreremos sobre características da escrita do autor Mia Couto e da literatura moçambicana. Posteriormente, falaremos brevemente sobre a ferramenta de análise

escolhida: a ACD. Em seguida daremos início a análise e, finalmente, faremos uma breve conclusão.

2. Mia Couto e a literatura moçambicana

Permeada por um patriotismo realista, a literatura moçambicana vem ganhando cada vez mais voz nos estudos acadêmicos. Com a forte presença da luta pela independência do povo, críticas sociais e traços de sua cultura e etnia, a literatura de Moçambique chega a assemelhar-se com a do Brasil na escolha dos temas abordados. Porém há muitas diferenças e singularidades, uma delas é a sua periodização. Em Moçambique a literatura divide-se em três períodos: o primeiro período é chamado de Colonial; a literatura produzida neste período faz uma crítica bastante crua à postura autoritária do estado colonial diante da colônia. Já no segundo período, que denomina-se nacionalista, a literatura ganha um engajamento político apoiando a independência do país e denunciando o racismo. Por fim, o período pós-independência tem como principal característica o intimismo que abre espaço para a ficção, mas sem nunca perder de vista os costumes da terra. (FONSECA; MOREIRA)

Sendo um dos principais incentivadores da ficção moçambicana, advindo desta última fase da literatura do país, Mia Couto é hoje um dos nomes mais conhecidos da literatura africana de língua portuguesa. Biólogo, poeta, cronista, contista e romancista, Antônio Emilio Leite Couto – nome de batismo do escritor - foi reconhecido com os prêmios Vergílio Ferreira, Mário António, Camões, entre outros prêmios, e foi o primeiro autor africano de língua portuguesa a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Possuidor de uma visão cósmica, Mia Couto consegue unir em suas narrativas e poemas o imaginário mágico de Moçambique com questões sociais e ambientais sem nunca deixar de lado a marcante presença dos sentimentos e emoções. Suas personagens são tão humanas que, ao ler seus textos, muitas vezes o leitor tem a impressão de estar-se olhando para o espelho e vendo-se de dentro para fora. (SECCO, p.10, 2012)

Outra singularidade do escritor é a invenção e reinvenção de palavras. Mia Couto, junta palavras do falar crioulo do interior de sua terra com o falar português, dando à sua escrita um tom muito forte de oralidade, nomeando coisas que parecem inomináveis e unindo o cotidiano a um universo oculto cheio de fantasia onde as crenças africanas se concretizam. Sua linguagem é extremamente poética mesmo quando circunda a cruel realidade do mundo.

Em seu livro *O Fio das Missangas*, por exemplo, as personagens vivem situações bastante subjetivas em cenários tão abstratos que passam a impressão de que essas personagens poderiam viver em qualquer lugar do mundo (JACINTO, p.12, 2012). Essas personagens são mulheres, negros, crianças, velhos que no desenrolar desses acontecimentos subjetivos chegam a tocar o cotidiano do leitor na abordagem de temas como solidão, abandono, preconceito, morte, amor, amizade, entre outros, trazendo sempre uma profunda reflexão em cima desses fatos.(COELHO, p.8, 2012) O livro é composto por 29 contos nos quais as personagens ganham uma voz que lhe é negada no complexo cotidiano. Cada conto é, como sugere o epígrafe, uma miçanga que se une num só fio: a voz do poeta. “A miçanga todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as miçangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo”. (COUTO, 2009, p.5). E cada ‘miçanga’ dessa contém em si um universo inteiro.

A miçanga selecionada para a realização deste trabalho é a miçanga de número 18: *O novo padre*.

3. A Análise Crítica do Discurso como arcabouço teórico-metodológica

Para a análise do conto, optamos por utilizar a Análise Crítica do Discurso como arcabouço teórico-metodológico, pois segundo Fairclough (2001, p. 28), uma abordagem crítica do discurso está vinculada à ideia de explicitar causas e relações implícitas no discurso, além de proporcionar uma proposta de intervenção. Para tanto, devemos ter a ideia de que “o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso”. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 31-32). A partir disso, entendemos a Análise Crítica do Discurso com uma relevante ferramenta para, neste caso específico, a dissolução da hegemonia discursiva responsável pela propagação da ideologia racista. A partir disso, é importante discorrer sobre o conceito de hegemonia discursiva segundo Fairclough (2001, p. 123):

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em alianças com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação sindicato, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios.

Considerando o discurso, tal qual sugere Fairclough (2001, p. 91), como “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”, desenvolveremos uma análise por meio do discurso dos personagens para exemplificar como o uso discursivo tem influência sobre as pessoas e, conseqüentemente, sobre suas ações. Senso assim, nosso objetivo é mostrar que, como sugere o autor, as mudanças culturais e sociais são atingidas através da mudança no uso linguístico. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 24)

Paralelo a isto, é importante mencionar o quadro tridimensional do discurso proposto por Fairclough (2001, p. 89) ao qual o autor combina três abordagens analíticas, a saber: a) a análise textual e linguística, como sendo uma descrição do vocabulário, da gramática, da coesão e da estrutura textual; b) a análise da prática discursiva e das estruturas sociais na cultura macrossociológica que diz respeito à interpretação da natureza dos processos discursivos; c) a análise da prática social interpretativa na cultura macrossociológica, referente à interpretação e explicação no que tange aos aspectos sociais do texto. Essas abordagens se fazem importantes para compreender o discurso a partir de diferentes funções.

4. O racismo em *O novo padre*

A partir da temática apresentada, escolhemos trabalhar com o conto *O novo padre* do autor moçambicano Mia Couto, como supracitado. Já definida nossa metodologia de análise, faremos uma breve explanação acerca dos personagens e do cenário contando, de forma concisa, um pouco da história do conto; por fim, daremos início à análise.

4.1. Personagens

O conto *O Novo Padre* contido no livro *O Fio das Missangas* inicia-se com a chegada do engenheiro Ludmilo Gomes na igreja. Todos abrem alas como se ele fosse o próprio Homem enviado por Deus à terra, “enfeitado de si” (COUTO, 2009, p. 89), ser ele mesmo já basta para atrair os olhares de todos. Assim, o autor não dispõe da descrição deste personagem, suas ações já lhe denunciam o caráter. Também o seu secretário não recebe uma descrição, mas para manter-se invisível como se sussurrar informações a Ludmilo fosse sua única serventia nesta terra. Até para ajoelhar-se diante do confessorário, o engenheiro tinha de ajoelha-se de forma que não parecesse submissão.

Ludmilo agia conforme suas próprias leis, fazia o que bem entendia, em contraste com outros moradores da vila que pareciam ter nascido com o dom de ser submissos e seguir ordens. Em seguida descobrimos que o engenheiro é português e bastante obediente a Deus apesar de sua grandeza diante das outras pessoas da vila, principalmente dos negros, sobre os quais ele pensa não valer a pena receber sequer a resignação. Até o cheiro dos negros incomoda Ludmilo e é por isso que ele suspira aliviado quando percebe que só há brancos na igreja.

Outra contradição envolve os pensamentos de Ludmilo. Enquanto sente repulsa pelos negros, alimenta uma atração pelos corpos das negras que têm a obrigação de sentirem-se honradas ao serem possuídas por um branco mesmo que essa possessão se dê por meio de um estupro. Ludmilo não se envergonha de revelar esses pensamentos em sua confissão a um padre que ainda não foi descrito neste ponto do conto. Se o engenheiro apenas ouve a voz do padre que encontra-se dentro do confessorário, o leitor tem direito apenas às suas falas soltas como se também apenas o ‘ouvisse’ sem vê-lo.

A negra que Ludmilo tenta possuir age de uma maneira diferente das outras pessoas da vila. Ela não baixa a cabeça para qualquer exigência de um branco. Seu irmão, porém, com uma visão de inferioridade referente a si mesmo e a sua irmã, tenta ajudar o português. Ao ouvir isso, o padre reage de forma à qual o engenheiro não está habituado, assim como a negra. O padre não só descorda da conduta de Ludmilo como também o amaldiçoa claramente. Neste momento o padre sai do confessorário e tanto Ludmilo como o leitor podem agora vê-lo: o padre é negro.

4.2. O cenário

O conto se passa em Moçambique, numa época em que esta ainda é uma vila, colônia de Portugal, no meio do mato. *Desamparadeiro* é o neologismo utilizado pelo autor para descrever essa colônia. Talvez porque os padres dali iam e vinham, nunca ficavam. Talvez pelo fato do povo que ali vivia, o fizesse no maior dos desamparos; desamparados até de lei, pois os moradores da colônia viviam tão longe da metrópole que viviam sob a lei de pessoas como Ludmilo. Era terra de ninguém.

Percebe-se que a vila é dividida entre o bairro dos brancos, onde se encontra um canhão e a igreja, e o bairro dos negros. A vida na colônia, que parece estar rodeada pela savana quase que intocada, é tão vagarosa quanto “a mansa crueldade do leopardo, a lenta fulminância da mamba, o eterno súbito poente.” (COUTO, 2009, p.89). Terra esta que o português Ludmilo descreve como sendo desconhecadora de luz e de cruz. Sem salvação.

4.3. Analisando o racismo e outro pontos

Embora para muitas pessoas o racismo esteja de longe vinculado ao discurso, assim com outras formas discriminatórias, sua manutenção também é desempenhada por meio do uso discursivo. De acordo com Dijk (2015, p. 134), “tal como é também verdade para outras práticas sociais dirigidas contra minorias, o discurso pode ser, antes de tudo, uma forma de discriminação verbal”.

O discurso racista desempenha importante papel hegemônico, pois é através dele que indivíduos comprovam seu lugar e sua lealdade à determinado grupo branco, influenciando, desse modo, a reprodução do discurso racista e dando espaço a predominância do grupo branco em domínios políticos, culturais e sociais. (DIJK, 2015, p. 156)

Segundo Dijk (2015, p. 134), o racismo é “um complexo sistema social de dominação, fundamentado étnica ou ‘racialmente’” e o controle vinculado às elites é responsável por uma parcela importante de sua manutenção. Desse modo, devemos considerar que, ainda segundo Dijk (2015, p. 154):

Os preconceitos étnicos e raciais são predominantemente adquiridos e partilhados dentro do grupo branco dominante, através da conversa cotidiana e da escrita e da fala institucional. Tal discurso serve para expressar, transmitir, legitimar ou, na realidade, ocultar ou negar essas atitudes étnicas negativas.

A ideia da ocultação de atitudes étnicas negativas está vinculada à ideia de apresentação positiva de determinado grupo branco, conceituada por Dijk (2015) como negação do racismo, tido como uma estratégia de defesa. Segundo o autor, esta estratégia é utilizada em três situações: a primeira individualmente, ou seja, quando um falante branco se sente ofendido por ser denominado racista; a segunda socialmente, quando os falantes têm o intuito de defender o grupo branco ao qual estão inseridos; além disso, os falantes, sejam individual ou socialmente, têm consciência de que por meio do que proferem podem ser vistos como infratores de normas sociais de aceitação, somando a terceira modalidade de estratégia da negação do racismo.

Foucault (apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 75) ressalta:

O poder é implícito nas práticas sociais cotidianas, que são distribuídas universalmente em cada nível de todos os domínios da vida social e são constantemente empregadas; além disso, o poder ‘é tolerável somente na condição de que mascare uma grande parte de si mesmo. Seu sucesso é proporcional à sua habilidade para esconder seus próprios mecanismos.

Desse modo, fica claro que o grupo branco utiliza estratégias para camuflar o racismo, muitas vezes, inerente a seu discurso como uma forma de aceitabilidade no meio social. No conto em questão podemos observar este fato no exemplo que segue: “Não era que ele fosse racista, insistia ele. Mas era sensível aos cheiros” (p. 90). Ludmilo tem consciência de que seus atos e discursos podem abrigar um grande teor de racismo, o que causaria desaprovação por parte dos membros da sociedade a qual está inserido, desse modo, ele opta por encobrir suas práticas racistas, utilizando um eufemismo carregado de ironia.

Além disso, segundo Dijk (2015, p. 163-164), existem algumas estratégias cognitivas e sociais que podem ser atreladas à negação do racismo. Entre elas, há a estratégia de *justificativa* da prática racista, ou seja, o indivíduo acredita que pode justificar seu discurso ou ato racista. Neste caso, não há negação do ato, mas existe uma preocupação em negar seu caráter preconceituoso. Encontramos no conto um exemplo de justificativa da prática racista quando Ludmilo diz: “Obediência do negro de que vale se é sempre falsa?” (COUTO, p. 90). Neste trecho, o engenheiro tenta explicar seu racismo, pondo em cheque o caráter dos negros, de modo generalizado. Mais adiante, temos três trechos que confirmam isto:

Trecho 1	“Essas pretas, não sei o que têm. A gente, de um lado, tem-lhes asco, sabe-se lá se estão lavadas, que doenças nelas se escondem. Por outro lado, os corpos delas saltam da natureza e agarram-nos pelos... entende, senhor padre?” (COUTO, 2009, p. 92)
Trecho 2	“Estava assaltando a moça, e ela resistia. Ou melhor, fazia de conta que resistia, a malandra, qual a pretita que não quer ser... como direi, senhor padre, não quer ser possuída por um branco?” (COUTO, 2009, p. 92)
Trecho 3	“No meio da luta, entrou na palhota o irmão da moça, chamando pelos gritos dela. O rapaz num ápice se lançou sobre a cama onde nos debatíamos. Pensei que me ia agredir. Mas ele, coitado, queria era bater na irmã por ela estar criando um conflito comigo. Sem entender, lhe atirei com um ferro. Dizem que foi aquilo que o matou. Mas eu acho, sinceramente, que ele já devia ter qualquer problema. Não se morre assim, o senhor sabe como os africanos são vítimas de maleitas e feitiços”. (COUTO, 2009, p. 92)

De acordo com Arkin (apud DIJK, 2015, p. 158), “na interação, as pessoas tentam agir e, conseqüentemente, falar de tal modo que seus interlocutores construam a ‘imagem’ mais positiva possível a respeito delas, ou pelo menos tentam evitar a imagem negativa”. Desse modo, fica claro que, nos três trechos apresentados, Ludmilo tenta desviar-se da culpa de seus atos, colocando-a tanto na negra vítima de violência por parte dele, quando no irmão da referida moça. No trecho 1, esse fato é explicado quando o engenheiro argumenta que o que o fez pecar foi a natureza da negra, seu corpo. Posteriormente, no trecho 2, há a confirmação de que Ludmilo acredita ser superior aos negros e que os negros também acreditem na superioridade dele. Já no trecho 3, o português, claramente causador da morte do irmão da moça a qual violentava, tenta explicar ao padre, no momento da confissão, que o que causara a morte do homem na realidade havia sido alguma enfermidade ou feitiço, refutando-se de qualquer culpa.

Dijk (2015, p. 18) menciona o poder social como controle e problematiza que esse controle não se aplica ao discurso apenas como prática social, mas se instala nas mentes daqueles que estão sendo controlados, nos seus conhecimentos, ideologias, opiniões, atitudes etc. Além disso, o autor explana que “em geral, o controle da mente é indireto, uma intencional, mas apenas possível ou provável consequência do discurso. E uma vez que as ações de pessoas são controladas por suas mentes (conhecimento, atitudes, ideologias, normas, valores), o controle da mente também significa controle indireto de ações”. Nos trechos que seguem, podemos observar o controle cognitivo sofrido por parte de Ludmilo:

Trecho 1	“Mas essa autonomia não colocava em causa suas obrigações religiosas. Com ou sem padre, o português mantinha-se praticamente, obediente a Deus”. (COUTO, 2009, p. 89-90)
Trecho 2	“Obediência do negro de que vale se é sempre falsa? Esse era o suspiro do colono”. (COUTO, 2009, p. 90)

No trecho 1, observamos o controle cognitivo sofrido por Ludmilo e alcançado através dos discursos religiosos. No trecho 2, o controle cognitivo é executado por parte dos colonizadores, que acreditavam ser superiores ao colonizados. Como vimos, o controle cognitivo abre espaço para a reprodução ideológica, encontrada ao longo de todo o conto através do discurso de Ludmilo. Além disso, notamos que o irmão da moça violentada por Ludmilo também foi vítima do controle cognitivo no momento que ele se recusa ajudar a própria irmã e prefere servir ao colono.

Optamos por também fazer uma análise das metáforas encontradas no conto, pois segundo Fairclough (2001, p. 241):

As metáforas não são apenas adornos estilísticos superficiais do discurso. Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental.

Metáforas	Explicações
“[...]Todo enfeitado de si”. (COUTO, 2009, p. 89)	Ser o engenheiro Ludmilo, português que praticamente manda na vila já lhe basta. Não necessita de adornos para impressionar. Ele é superior.
“[...]lugar de além do fim do mundo”. (COUTO, 2001, p.89)	Moçambique era, na visão de Ludmilo, um lugar onde a civilização e os padres não permaneciam, iam e vinham. Um lugar entregue ao abandono.
“Mais engenhoso que engenheiro [...]” (COUTO, 2009, p.89)	Aqui há uma referência no fato de Ludmilo ser engenhoso e bastante astuto quando se trata de fazer as coisas do seu

	jeito e implantar suas próprias leis.
“Em África tudo é sempre outra coisa: a mansa crueldade do leopardo, a lenta fulminância da mamba, o eternamente súbito poente”. (COUTO, 2009, p.90)	Aqui é expressada a incapacidade do colonizador de compreender e desvendar os mistérios de África. A lenta crueldade dos animais selvagens citados remete à silenciosa preparação dos moçambicanos para irem em busca de sua independência
“O que dizer desses iletrados matos, terras que nunca viram luz nem cruz?” (COUTO, 2009, p.90)	Aqui expressa-se a visão que o português tem de África, uma terra de analfabetos sem salvação.
“Poderia Deus falar por sua boca, mas certamente não ouvia pelas suas orelhas”. (COUTO, 2009, p.91)	O padre surdo, é uma metáfora que remete à liberdade que Ludmilo (representação do colonizador) tinha para fazer o que quisesse sem receber julgamento algum.
“Os óculos, derretidos, descaíram pelo rosto. Assim, em desfoco, olhou a multidão como uma desconformada espuma”. (COUTO, 2009, p.93)	Neste ponto do conto, a visão de Ludmilo fica distorcida. De todos os acontecimentos inesperados que viam ocorrendo, aquele é o ápice do conto. A realidade do personagem foi distorcida.
“Diziam as madames, nas resguardadas conversas do clube, que nunca se vira língua tão excessiva”. (COUTO, 2009, p. 90-91)	Aqui, percebemos que a língua do engenheiro representa uma metáfora de imposição da língua portuguesa diante dos moçambicanos por meio da colonização.
“Não vale a pena, senhor engenheiro. Não há hóstias”. (COUTO, 2009, p. 91)	Nesta passagem, proferida por Olinto Machado, representa, metaforicamente, a visão de que o secretário, na posição de colono, acredita que um padre negro está fora de uma concepção aceitável no catolicismo imposto a ele, desse modo, para Olinto, a farinha de trigo utilizada para produzir a hóstia, representada na doutrina católica como o corpo de Cristo, foi utilizada para outros fins que supostamente seriam, com a chegada do novo padre, alimentar a população mais pobre; sendo, desse modo, deixada em segundo plano e passando a ser produzida com farinha de mandioca, cuja qualidade é inferior, representando assim, aos olhos do colono, a inferioridade do próprio padre.

Por fim, a partir da análise apresentada, uma interpretação possível para o conto *O Novo Padre* seria a da colonização e independência de Moçambique. Ludmilo seria o colonizador que chega à terra africana com ares de superioridade, criando suas próprias leis e ditando o

que convém e o que não convém aos nativos. Os brancos vão à igreja, habitam o melhor bairro onde possuem um canhão, o qual não cabe aos negros mover.

Pode-se considerar que a luta pela independência de Moçambique se dá no momento em que Ludmilo tenta forçosamente possuir uma negra que seria a própria Moçambique, e seu irmão seria uma referência aos assimilados: negros que defendiam o colonizador. Porém a independência só é lograda de fato com a chegada de um padre negro que enfrenta o português. Nesse momento os negros tiram, a mando desse novo padre, o canhão do bairro dos brancos. Se “em África tudo é sempre outra coisa” (COUTO, 2009, p.91), é porque, na verdade, o colonizador nunca desvendará África, nunca decifrárá seus mistérios. África sempre o surpreenderá.

5. Conclusão

Dentro do conto em questão, pudemos encontrar diversas situações onde o personagem Ludmilo faz uso de um discurso racista. A partir das análises, pudemos perceber a relevância da Análise Crítica do Discurso como arcabouço teórico-metodológico, pois, de acordo com Fairclough (2001, p. 58), a análise de discurso deve focalizar questões referentes à “variabilidade, a mudança e a luta”. Desse modo, a análise nos proporcionou material suficiente para compreender a luta travada por Mia Couto referente à ideia de resistência à dominação discursiva, neste caso, no discurso racista.

Segundo Fairclough (2001, p. 120), é necessário “defender uma modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos no discurso, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticas dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidos”. Sendo assim, esperamos contribuir com a construção dessa visão crítica acerca do discurso.

Através das situações de poder, abuso de poder, controle cognitivo e reprodução ideológica apresentadas, fica clara a importância do que Fairclough (2001, p. 292) defende como ‘Consciência Linguística Crítica’, afirmando que esta “objetiva recorrer à linguagem e à experiência discursiva dos próprios aprendizes, para ajudá-los a tornarem-se mais conscientes das práticas em que estão envolvidos como produtores e consumidores de textos”. Desse modo, tentamos explicitar a importância do discurso na construção das práticas sociais e culturais, e a relevância da ACD como uma ferramenta de luta contra o domínio discursivo, pois, segundo Foucault (apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 77) “o discurso é não apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual e pela qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado”.

REFERÊNCIAS:

COELHO; Zeferino. “...Um vasto mundo de homens e mulheres”. In: *Jornal do Fundão*, Suplemento 8, Fundão [Portugal], 26 de abril de 2012, p. 8

COUTO, Mia. **O fio das missangas: contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf>. Acesso em: 20 de Nov, 2015

JACINTO; Rui. “O geógrafo heterodoxo e sua imaginária geografia”. In: *Jornal do Fundão*, suplemento 12, Fundão [Portugal], 26 de abril de 2012, p. 12

SECCO; Carmen Lucia Tindó Ribeiro. “Mia Couto: O outro lado das palavras e a busca do humano”. In: *Jornal do Fundão*, suplemento X, Fundão [Portugal], 26 de abril de 2012, p. 10